

Dossiê #rccs18

COMUNICAÇÃO

Desafios e (Im)possibilidades

RCCS – Edição 18, V. 11, Ano 10, Nº 1 – JUL/DEZ - 2025

Organização

LAWRENBERG ADVÍNCULA DA SILVA
SONIA REGINA SOARES DA CUNHA



ISSN 2317-7519
COMUNICAÇÃO

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado


EDITORAS
UNEMAT

EXPEDIENTE

REVISTA COMUNICAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE (RCCS) ISSN: 2317-7519 (Comunicação)

Revista do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Sociedade da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, com apoio da Editora da Unemat e do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Sociedade.

Portal RCCS: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ccs> E-mail: lawrenberg@unemat.br

Editoração: A RCCS utiliza como sistema de editoração o *Open Journal Systems*.

Design Gráfico: Capa desenvolvida com apoio da IA *Canva*.

Indexação: A RCCS está indexada em diversas bases dados, entre elas, o Portal de Periódicos da Capes, Reviscom, Google Scholar e Directory of Open Access Journals (DOAJ).

A REVISTA COMUNICAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE (RCCS) é uma publicação acadêmica desde 2013 como periódico acadêmico da área de Comunicação e suas áreas afins. Atualmente ela é coordenada, editada e supervisionada por editoria executiva formada pelos professores Dr. Lawrenberg Advíncula da Silva (Unemat) e Dra. Sonia Regina Soares da Cunha, com o apoio editorial de: Luiz Kenji Umeno Alencar (Supervisão de Bibliotecas), Pedro Henrique Romeiro Ferreira (Assistência Editorial), Heloiza Gadani Mendes de Souza (Assistência Científica/Parecerista) e professora Dra. Maristela Cury Sarian (Assessora de Gestão da Editora e das Bibliotecas).

CONSELHO EDITORIAL

Dr. Marcelo de Oliveira Pires (Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC-BA), Dr. Itamar Nobre (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN), Dr. Josuel Mariano Hebenbrock (Universidad Pompeu Fabra, Espanha), Dr. Juliano Domingues da Silva (Universidade Católica de Pernambuco – Unicap-PE), Dr. Iuri Gomes Barbosa (Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat-MT), Dr. Rafael Rodrigues Lourenço Marques (Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat-MT), Dr. Paulo Eduardo Linz Cajazeira

(Universidade Federal de Pelotas – UniPel-RS), Dr. Gibran Lachowski (Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat), Dr. Juliano Maurício de Carvalho (Universidade Estadual Paulista – Unesp-SP), Dra. Rosana Alves (Universidade do Estado de Matogrosso – Unemat), Dra. Antônia Alves (Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat), Dr. Alfredo Costa (Universidade Federal de Goiás – UFG) e Felipe Collar Berni (Universidade Federal de Roraima – UFRR)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Dr. Lawrenberg Advíncula da Silva (Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat), Dra. Sonia Regina Soares da Cunha, Dr. Élmano Ricarte de Azevêdo Souza (Instituto de Comunicação da Universidade Nova Lisboa-Portugal), Dra. Vânia Maria Lescano Guerra (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS), Dra. Marli Barboza (Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat), Dra. Maria Isabel Amphilo (Universidade Complutense-Espanha), Dr. Ulisflávio Oliveira Evangelista (Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat), Dr. Alfredo José da Costa (Universidade Federal de Goiás – UFG-GO), Dra. Antônia Alves (Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat), Roscélia Kochhann (Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat), Felipe Collar Berni (Universidade Federal de Roraima – UFRR), Dr. Eduardo Luís Mathias Medeiros (Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat



As opiniões expressas nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores. Todo material incluído nesta revista tem a autorização expressa dos autores ou de seus representantes legais. Qualquer parte dos artigos da revista pode ser reproduzido desde que citados autor e fonte.

POR UMA COMUNICAÇÃO E EPISTEMOLOGIAS MAIS ANTIRRACISTAS

Entrevista com Prof. Dr. Deivison Moacir Cezar de Campos

TOWARDS MORE ANTI-RACIST COMMUNICATION AND EPISTEMOLOGIES

Interview with Prof. Dr. Deivison Moacir Cezar de Campos

LAWRENBERG ADVÍNCULA DA SILVA
SONIA REGINA SOARES DA CUNHA

RESUMO

Apesar de mais de um século de abolição da escravatura no Brasil, e do aumento considerado de políticas públicas de combate à discriminação racial e de maior participação da população negra no mercado de trabalho nas últimas décadas, o racismo ainda permanece presente nos ambientes de trabalho, nas universidades e no cotidiano em geral. O racismo permanece como uma ferida social histórica e, principalmente, como uma marca de violência que se apresenta de diversas maneiras, desde as mais brandas e sofisticadas às mais aviltantes e degradantes à condição humana. No âmbito dos estudos contemporâneos de Comunicação o fortalecimento da representatividade negra nos mais diversos espaços da mídia e de uma agenda antirracista de atuação profissional têm constituído provavelmente as linhas mais debatidas nos eventos e grupos científicos. Nesta perspectiva, o entrevistado da presente edição da RCCS, Deivison Moacir Cezar de Campos, é uma voz potente no meio acadêmico e no âmbito dos movimentos sociais, bem como reflete o quanto a RCCS tem se tornado porta-voz de pesquisadores e pesquisadoras comprometidos com a cultura negra em suas mais diversas vertentes (tradição oral, dança, literatura) e o pensamento afrodiáspórico. Deivison Moacir Cezar de Campos possui formação em Jornalismo, com mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Campos é professor adjunto da Escola de Comunicação, Artes e Design (Famecos), coordenador do curso de Jornalismo e professor no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social na PUCRS. Nos Congressos nacionais do Intercom Campos participa do Grupo de Pesquisa Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiáspórico há um tempo. Ao longo dos anos, Campos é uma voz conhecida em questões como comunicação antirracista; hierarquias raciais; povos e comunidades tradicionais; comunidades LGBTQIA+; mídia e populações negra e indígena; diáspora africana; América; Epistemologias do Sul, Decolonial e Pensamento Afrodiáspórico.

ABSTRACT

Despite more than a century since the abolition of slavery in Brazil, and the considerable increase in public policies to combat racial discrimination and greater participation of the Black population in the labor market in recent decades, racism remains present in workplaces, universities, and everyday life in general. Racism remains a historical social

wound and, above all, a mark of violence that manifests itself in various ways, from the mildest and most sophisticated to the most degrading and humiliating to the human condition. Within the scope of contemporary Communication studies, the strengthening of black representation in the most diverse media spaces and an anti-racist agenda for professional practice have probably been the most debated lines in scientific events and groups. From this perspective, the interviewee in this edition, Deivison Moacir Cezar de Campos, is a powerful voice in academia and within social movements and reflects how RCCS 'magazine has become a key platform for a spokesperson for researchers committed to Black culture in its various aspects (oral tradition, dance, literature) and Afro-diasporic thought. Deivison Moacir Cezar de Campos holds a degree in Journalism, a Master's degree in History from the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul (PUCRS), and a PhD in Communication Sciences from the University of Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Campos is an adjunct professor at the School of Communication, Arts and Design (Famecos), coordinator of the Journalism course, and professor in the Postgraduate Program in Social Communication at PUCRS. At the national Intercom Congresses, Campos has been participating in the Research Group on Anti-Racist Communication and Afro-diasporic Thought. Over the years, Campos has become a well-known voice on issues such as anti-racist communication; Racial hierarchies; traditional peoples and communities; LGBTQIA+ communities; media and Black and Indigenous populations; African diaspora; Améfrica; Epistemologies of the South, Decolonialism, and Afro-diasporic Thought.

12

Comunicação, Cultura e Sociedade (CCS): No livro *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira* (2022), o professor Muniz Sodré destaca que a mídia manifesta racismo quando tenta negar sua existência. O que se discute inclui um processo de invisibilização não somente de corpos negros nas telas midiáticas, mas também de toda forma sistematizada de opressão, exclusão e discriminação racial. Na sua avaliação como a mídia brasileira tem negado a existência do racismo e invisibilizado muitas lutas da população negra?

Deivison Moacir Cezar de Campos: A mídia tem agido, de maneira geral, para manutenção das relações de poder em sociedade e consequentemente de todas as lógicas colonialistas que constituem o Ocidente e se desdobra com diferenças territoriais. A verdade que sustenta esse sistema de dominação fortalece uma ontologia do humano referenciada na figura que denomino como 'navegante-norma': homens, brancos, jovens, pretensamente héteros, sem deficiência, com dinheiro, ou em busca dele. São os navegantes que seguem colonizando através dos mídias lineares e em rede, de onde vem todo o debate sobre colonialismo dedados. Esse navegante-norma, medida de todo o discurso

de universalidade, impõe-se também no sentido epistémico e deontológico. Todos, todas e todes que não atendem a essas características são socializados como menos humanos. No caso das pessoas negras, além de não atender às características, sofrem ainda com o saber evolucionista, herança do escravismo e das teorias raciais. Como uma instituição social, a mídia segue os mesmos princípios de valorização e desvalorização de seres humanos. Sodré propõe em *Claros e Escuros* (1999) uma categorização de como se dá esse processo de silenciamento, invisibilidade e manutenção dos estereótipos. Ele aponta a negação do racismo, o recalcamento, que recusa a contribuição negra para a sociedade, a estigmatização, leitura dos negros a partir dos estereótipos, e ainda o que denomina indiferença dos profissionais. Se analisarmos cada uma dessas proposições vamos entender como tem se dado as diferentes violências simbólicas contra a população negra. Poderíamos somar a esses o pacto narcísico. A circulação acelerada e em maior volume dos conteúdos produzidos nesse contexto levam ao aprofundamento e a naturalização das violências simbólicas e também física. Ninguém mais se afeta com as imagens de violência contra corpos negros, ou da ação da polícia com centenas de mortos. Todos corpos e vidas invisíveis e dispensáveis. Por isso, depois da luta nas relações sociais e na Educação, a Comunicação é um lugar estratégico de disputa. Precisamos produzir desnormalizações, estranhamentos nas formas de mostrar e dizer o mundo no cotidiano e nos mídias.

13

CCS: De modo geral, a imagem predominante do negro na mídia brasileira e principalmente na ficção televisiva ainda se reduz à uma condição de subserviência. Entre as principais representações, temos o homem negro favelado, bandido, traficante, enquanto a mulher negra é geralmente tratada como objeto sexual, ou em profissões subestimadas (empregada doméstica, atendente). No âmbito das pesquisas e debates propostos pelo Grupo de Pesquisa Comunicação antirracista e pensamento afrodispórico da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (Intercom), em quais temáticas e com quais abordagens essa questão tem sido mais recorrente?

Campos: Os estudos representacionais têm uma tradição no Brasil e foi desenvolvida em diferentes áreas de conhecimento, a partir dos estudos literários, da discussão sobre livro didático e principalmente em produções midiáticas que mantêm os estereótipos construídos durante o período escravista,

ou para justificar a exclusão das populações negras no pós-abolição. Essa perspectiva tem um estudo referencial que é a tese do Joel Zito de Araújo, *A Negação do Brasil* (1999). A pesquisa atravessa a história da televisão brasileira, mostrando que pouco mudou no sentido representacional. O estudo, que também gerou um documentário com o mesmo nome, ganhou visibilidade e pautou uma discussão ampliada sobre a questão. Isso tensionou as mídias comerciais que passaram a implantar – mesmo que discursivamente, estratégias de redução da violência simbólica através de ações de representatividade. No entanto, pouco mudou. Quanto ao GP, ele vai para o quarto encontro. Ao mesmo tempo que é recente, é resultado de um processo de institucionalização do tema no campo, que coincide com mais eventos, como o GT da Compós, dossiês, eventos, grupos de pesquisa e estudo. Ao mesmo tempo que é interessante acompanhar o processo, é questionável que somente em 2022 o tema tenha conquistado maior atenção nas entidades de nossa área. Essa é mais uma consequência das políticas afirmativas que possibilitaram que mais negros chegassem ao ensino superior e depois à pós-graduação. Sobre os temas, são muito variados. A questão da representação sempre aparece, mas tensionada pelas estratégias de resistência que estão sempre presentes. No entanto, há uma ênfase no pensamento afrodescendente. Nos interessa pensar o que os negros estão produzindo – e é muito, apesar de todo o contexto racista. Estudos em torno do feminismo negro, das interseccionalidades, intelectualidade negra, juventude negra. A questão das desigualdades está sempre presente, mas também queremos falar sobre tudo que o negro produziu e contribuiu para nossa nacionalidade e cultura e segue contribuído.

CCS: Em sua tese de doutorado, intitulada *Do disco à roda: a construção do pertencimento afrobrasileiro pela experiência na festa Negra Noite* (2014), você aborda a relação entre festas de *Black Music* e comunidade negra enquanto produtora de pertencimento, adotando conceitos como afetação, apropriação e experiência. Pensando como um ambiente (e ambiência) midiático de resistência política, como essas festas estão localizadas uma década depois de sua pesquisa, academicamente falando?

Campos: As festas continuam sendo um lugar de criação e de presentificação da cultura afro em diáspora. Poderia citar os bailes Charme, os sambas, os forrós e muitas outras. O principal no meu estudo era entender porque

jovens insistem em tornar-se negro – não basta ter a cara preta, como diz a professora Petronilha, num país que exige o branqueamento social e como isso acontece. O entendimento é que o consumo coletivo de música foi uma estratégia construída pelos escravizados como tecnologia simbólica de territorializar a cultura e a tradição, experencia-la e com isso presentificá-la. As rodas possibilitaram a reconfiguração do *ethos* afro em diáspora através do aparecimento de um território simbólico em que o tempo da tradição e da memória funde-se ao agora. A roda é uma tecnologia simbólica com todas as características de um mídia – afeta o tempo-espacó, existe em fluxo, tem dinamizadores e conteúdos e, por isso, pedagogias. O mesmo pode ser observado nas festas que pesquisei. A tese é de que a gravação capturou o cantar, batucar do *ethos* afro que se reconstitui na festa com o dançar. Cada festa, uma roda. Cada roda, uma pequena África. Trabalhar a partir da roda também produziu um lugar epistêmico para meus estudos. Entendi que o “princípio da dupla consciência”, de Du Bois¹, traduzido como “ser sem pertencer”, por Gilroy (2001), ou “ser-devir”, em Hall (1996), mostram que os negros não tiveram direito a reterritorialização depois da travessia – veja a violência do estado e o permanente tensionamento imobiliário dos territórios negros. Então proponho que a circulação midiática, fundida a circularidade das culturas negras, tornou-se um território possível para essas culturas. Com isso, a festa sempre será um lugar de subversão espaço-temporal. Serve para pensar eventos de religião, os circuitos midiáticos. Cada roda, uma pequena África.

CCS: “É som de preto e favelado, mas quando toca ninguém fica parado, tá ligado?” Esse trecho da música composta pela dupla de funk Almickar e Chocolate vai se transformar em um símbolo para muitos jovens negros e moradores das favelas do Rio de Janeiro e Brasil afora. A referência é para o funk carioca enquanto expressão política da cultura popular negra da periferia. Contudo, assim como muitos estilos musicais, o funk carioca foi se tornando mais entretenimento do que expressão de contestação e crítica social. Neste sentido, como essa transformação do funk carioca, no que muitos autores denominam de espetacularização da cultura (Debord, 1997) afetam a articulação política e a

¹ Du Bois introduziu o conceito de "dupla consciência" (em inglês, *double consciousness*) em sua obra *The Souls of Black Folk (As Almas da Gente Negra)*, de 1903.

militância das novas gerações da juventude negra com a cena musical? E mais especificamente na *Black Music*?

Campos: Não considero determinante. O mercado está sempre atrás de novidades e as culturas negras e periféricas são permanente fontes de criatividade. Então me parece que sempre vai ocorrer, assim como ocorre com outros estilos. No entanto, precisamos observar que o político não está somente nas letras. O ritmo é mais importante, pois aí está a presença do afro. Numa cultura que nega e silencia essa existência, a presença através do ritmo, do uso do corpo, é muito importante. Para além disso, toda a dimensão estética do gênero e do movimento que este produz tem uma carga política talvez mais determinante. Por isso, a perseguição ao funk. A professora Nilma Gomes (2017) aborda bem a importância política da estética em seu estudo sobre o *Movimento Negro Educador*. Agora, a própria *Black Music* já demonstrou que quando ocorre tentativa de assimilação – que é outro movimento cultural, há criatividade para que um novo gênero seja criado. Foi o que aconteceu, por exemplo, na origem do afrofuturismo. Os brancos começaram a tocar jazz em Chicago e o Sun Ra autodeclarou-se um Deus alienígena e criou o *fusion*. Seriam vários exemplos, mas importa dizer que essa captura também possibilita que alguns desses arquitetos do gênero ganhem dinheiro suficiente para disputar com os grandes *players*. Veja Kondzilla².

CCS: Algumas iniciativas como o Observatório da Branquitude³ refletem as relações étnico-raciais enquanto estrutura de poder. Em suas pesquisas mais recentes, constatamos o quanto esse tema se nota relacionado à crítica epistemológica à grande presença do eurocentrismo nos currículos no ensino superior. Na sua avaliação, como as atuais diretrizes dos cursos de Comunicação no Brasil não contribuem para a problematização da branquitude enquanto estrutura de poder, principalmente em se tratando da articulação entre o letramento midiático com o letramento racial numa perspectiva mais decolonial?

Campos: O tema das relações étnico-raciais ainda está em implementação na educação coo um todo. A Comunicação não seria diferente. O movimento é

² <https://www.instagram.com/kondzilla/>

³ <https://observatoriobranquitude.com.br/>

muito incipiente e na área não tem sido cumprido nem a questão legal, afinal a Lei nº 10639 e a Lei nº 11645 (Brasil, 2003; 2008) são para todos os níveis e todas as formações. Portanto, vai além das diretrizes que fala em sustentabilidade e diversidade de maneira transversal, quando deve ser um tema de aprendizagem e novidade. Diria que nossas diretrizes não dão conta nem mesmo das demandas contemporâneas do jornalismo. Ela tem uma inclinação a formar jornalista de redação. A questão é que não existe mais redação como já houve. Então as pessoas que estudam ficam perdidas, a sociedade diz que o jornalismo não é mais necessário e as redes sociais dizem que o jornalismo vai acabar. Entendo o contrário. É impossível que num tempo de tamanha circulação de informações a profissão que sempre soube discernir o que é ser importante para o conjunto da sociedade não encontre seu lugar. A fragilidade da democracia também passa por aí. Então entendo que as diretrizes demandem um reolhar tanto no sentido das desigualdades, como no jornalístico. Desta forma, vai levar um tempo até que essa seja uma questão mais assertiva e não fique escondida atrás do discurso de diversidade.

CCS: No documentário *Emicida: AmarElo - É Tudo Pra Ontem*, lançado na Netflix em dezembro de 2020, aborda-se a luta antirracista e a história da cultura negra brasileira através do processo criativo do álbum *AmarElo*, do rapper brasileiro Emicida. Ao longo dessa produção audiovisual de aproximadamente 90 minutos de duração, registra-se a memória de três importantes eventos da história negra brasileira: a *Semana de Arte Moderna* de 1922; a fundação do *Movimento Negro Unificado* (MNU), em 1978; e o próprio show de estreia do álbum *AmarElo*, que aconteceu no mês da consciência negra, novembro, em 2019. Trata-se de uma forma de memória midiática bastante necessária no âmbito de tanto apagamento das identidades negras na contemporaneidade, atrelado ao papel do artista negro como um ativista midiático. Neste sentido, como você reflete sobre o ativismo midiático dos artistas negros no Brasil? Quais tem sido as principais estratégias de comunicação para disputar narrativas eurocêntricas, promover a representatividade negra e combater o racismo estrutural? E como a contribuição da ativista e intelectual brasileira Lélia Gonzalez tem contribuído nesse processo de reflexão?

Campos: Acho *AmarElo* instigante em todos os sentidos. É daqueles produtos que todos deveriam acessar. O que me espanta é ter sido tratado como

novidade e produzido tanta descoberta ao assisti-lo. O que está ali como história negra é a História do Brasil. Então a obra já serve para comprovar o processo de invisibilidade e silenciamento. Sobre os artistas, produtores, intelectuais negros, entendo que tenham um compromisso com suas comunidades em disputar narrativas e lugares sociais. Muitos têm feito isso de uma maneira criativa e ao mesmo tempo rigorosa. Retomamos, fruto da trajetória do movimento negro que possibilitou negociar cidadania a partir desse lugar e não do branqueamento. A produção simbólica retomou com isso sua funcionalidade cotidiana. Não há separação entre a arte e o mundo da vida nas culturas tradicionais. Artistas, intelectuais, produtores simbólicos negros retomaram essa trajetória de maneira sublime e, com isso, ocupam um lugar estratégico na disputa por reconhecimento e cidadania. Não há tempo para arte autônoma. É tudo para ontem, como diz o título do documentário.

CCS: Para finalizar, retomamos a atenção para o campo da Comunicação. Sabemos que os estudos de uma comunicação numa perspectiva afrobrasileira apresentam uma significativa expansão, no recorte das últimas décadas. Na maioria dos trabalhos, uma ênfase sobre as representatividades, as representações e as visibilidades afrobrasileiras. O que pode ser categorizado como avanço e o que ainda precisa ser avançado, do ponto de vista teórico e metodológico? E no âmbito da epistemologia antirracista de Frantz Fanon e de Sueli Carneiro, quais os maiores desafios – e dilemas?

Campos: O maior aprisionamento produtivo em todas as áreas é a exclusiva validação do pensamento euro referenciado – inclui-se aqui os Estados Unidos, claro, produzido pelo epistemicídio. Cesaire – sempre refiro, pois me inspira a pensar, diz que uma civilização prestigiosa abusou do seu prestígio para estabelecer o vazio em torno de si. Isso criou uma questão ontológica sobre o ser humano – como já referi, mas também epistemológica. Desta maneira, a discussão epistemológica é urgente. Muitos entraram pelo debate decolonial, mas observo que não é suficiente e que temos uma tradição de pensamento negro que pode dar conta desta disputa junto com todo o conhecimento tido como tradicional. Esse com certeza é o principal desafio. Produzir formas de conhecer para além das estabelecidas como verdade – por mais contraditório que possa parecer frente a uma ciência social. Esses movimentos epistemológicos na área de Comunicação são – na minha visão, promissores no

sentido metodológico, pois também podemos apreender táticas de açãoamento do mundo com as culturas tradicionais negras. É o princípio do afrocentrismo: agência do pesquisador negro e localizar o conhecimento. Tenho trabalhado muito nisso. No que se refere a teoria, podemos inclusive seguir com teorias comunicacionais de fundo, mas a fim de produzir teoria nova. Quanto aos nossos clássicos, são prova de que existe uma tradição de pensamento negro. Fanon inspirou os decoloniais. É ele o primeiro a dizer que apesar da descolonização em África, seguimos com as mentes colonizadas. Isso me lembra de dizer que acho patético que publicações com mais de 50 anos ressurjam como novidade editorial. É outra marca de invisibilização e de violência que as culturas e indivíduos negros sofrem cotidianamente e continuamente. A propósito desses livros, foram também os estudantes de políticas afirmativas que levaram embaixo do braço para a universidade e tensionaram os que ensinam e decidem a ler. Desta maneira, mais uma vez, observação a ação do racismo. No entanto, há desafios em relação a essas publicações e a tradição do pensamento negro. É preciso traduzi-los no tempo. Há muitas pessoas açãoando as publicações para citação direta sem fazer a mediação de tempo devida. Também isso é uma oportunidade de criarmos uma onda de publicações de leitores desses textos que façam a devida mediação. Acho que Djamila fez bem isso na coleção *Feminismos Plurais* o que dinamizou vários escritores sem reedição, ou que perderam a visibilidade como intelectuais acadêmicos como a própria Sueli Carneiro⁴, muito necessária, mas lida como militante do *Geledés*. Hoje não há quem não cite. Acho importante citar que, apesar de eu usar muitas vezes questões como disputa e resistência, o debate racial não se refere aos indivíduos. Por ser um problema estrutural com desdobramentos institucionais, somente nesses níveis que a disputa é consequente. O restante é bate boca, ou estratégia de conflito. Reforço, por fim, a importância de compreendermos uma tradição de pensamento afrodiáspórico – que não serve somente para negros, a necessidade da disputa epistemológica, para abrirmos realmente às ciências, e a criação de metodologias e teorias que deem conta das diferentes realidades sociais. Lutamos, portanto, por uma ciência com mais qualidade e mais ligadas as questões do mundo da vida.

⁴ <https://www.geledes.org.br/sueli-carneiro/>

Referências

ARAÚJO, Joelzito Almeida de. **A negação do Brasil: identidade racial e estereótipos sobre o negro na história da telenovela brasileira.** 1999. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira.** São Paulo: Editora SENAC, 2000.

BRASIL. **Lei 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Brasília, DF: Presidência da República, 2003.

BRASIL. **Lei 11.645**, de 10 março de 2008. Brasília, DF: Presidência da República, 2008.

CAMPOS, Deivison Moacir C. **Do disco à roda.** A construção do pertencimento afrobrasileiro pela experiência na Festa Negra Noite. Tese. Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2014.

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre a Negritude.** Belo Horizonte: Nandyala, 2010. (Coleção Vozes da Diáspora Negra, Vol. 3). Disponível em: https://baobaxia.net/api/v2/baobaxia-2014_a954/abdiás_d79c/acervo/download/aime-cesaire-discurso-sobre-a-n_dc64/MD5E-s13134078--624cd67b10491f4e07bb539d7708534f.pdf Acesso em: 20 dez. 2025.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo.** Tradução de Estela dos Santos Abreu e Frederico de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DU BOIS, W. E. B. **As Almas da Gente Negra.** Trad. Heloisa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

FANON, F. **Os condenados da terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

GILROY, P. **Atlântico negro.** Modernidade e dupla consciência. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34, Coedição: Centro de Estudos Afro-Asiáticos/UCAM, 2001.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento Negro Educador:** Saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

HALL, S. Identidade Cultural e Diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 24, p. 68-75, 1996.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017. (Coleção Feminismos Plurais).

RIBEIRO, Djamila. (Coord.). **Empoderamento.** São Paulo: Pólen, 2020. (Coleção Feminismos Plurais).

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira.** Salvador: Imago, 2002. (Bahia: Prosa e poesia).

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros : identidade, povo e mídia no Brasil.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. (Série: Identidade brasileira).

Filmes

A NEGAÇÃO DO BRASIL: o negro na telenovela brasileira. Direção: Joel Zito Araújo. São Paulo, 2000. Doc. (90 min), son., color.

EMICIDA: AmarElo – É Tudo pra Ontem. Direção: Fred Ouro Preto. Produção: Laborat. Fantasma. Brasil: Netflix, 2020. 1 filme (89 min). Disponível em:
<https://www.netflix.com/br/title/81306298>. Acesso em: 20 dez. 2025.

SOM DE PRETO. Direção: Amilcka E Chocolate. Brasil: YouTube, @somdofunk, 2009. 1 vídeo (1 min.). Disponível em: <https://youtu.be/Z4aaI7Bj2NY?si=C7PAYDbSE9uGnGH9>
Acesso em: 20 dez. 2025.

Recebido em: 20/12/2025.

Aprovado em: 22/12/2025.